

SOBRE RUAS E INTERSEÇÕES: O GRAFITE DE MULHERES NEGRAS

Between streets and intersections: the graffiti of Black women

Entre calles e intersecciones: los grafitis de las mujeres negras

Laura Guimarães Corrêa

Universidade Federal de Minas Gerais

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professora associada do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG, com vínculo à linha Processos Comunicativos e Práticas Sociais. Lidera o Coragem - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Raça e Gênero.

e-mail: guimaraes.laura@gmail.com

Ana Karina Carvalho Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais

Doutora e Mestra em Comunicação Social pela UFMG. Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Promove de Belo Horizonte. Pesquisa as interseções entre Comunicação, Política e Estética, com foco no estudo das intervenções gráficas urbanas como formas de participação e subjetivação políticas.

e-mail: anakarina.akco@gmail.com

Laryssa Helena de Paula

Universidade Federal de Minas Gerais

Graduanda em Publicidade e Propaganda pela UFMG. Integra o time de inbound marketing da Somos Educação e possui experiência profissional nas áreas de marketing e mídias sociais. Co-produziu o documentário “Coreografias Juvenis: gêneros e sexualidades na cena escolar” e, atualmente, está produzindo um documentário sobre grafiteiras negras de Belo Horizonte.

e-mail: laryssa.lhp.helena@hotmail.com

Ludmilla Oliveira Cabral

Universidade Federal de Minas Gerais

Graduanda em Publicidade e Propaganda pela UFMG. Produtora multimídia. Trabalhou em programas como Agenda e Retratos da Dança, na Rede Minas (emissora pública de televisão de Minas Gerais) e, atualmente, está produzindo um documentário sobre grafiteiras negras de Belo Horizonte.

e-mail: ludcabral.lc@gmail.com

Kawany Tamoyos Kakaw

Artista urbana e designer. Pesquisa a mistura entre suas raízes indígenas e o urbano, subvertendo padrões sobre o feminino e os povos indígenas. Participou de exposições diversas, com destaque para espaços como BDMG Cultural e Museu de Arte da Pampulha, além de festivais interna-

cionais, como Residência CURA, Festival Bahia de Todas as Cores, Ori-graffes e Projeto Gentileza.

e-mail: ktamoyos@gmail.com

Lídia Viber

Artista negra, autodidata, criada na periferia de Belo Horizonte. Atua na arte urbana desde os 16 anos, explorando técnicas e materiais diversos. Tornou-se referência no grafite e no muralismo ao abordar a questão da representatividade feminina. Premiada, em 2013, com a comanda Clara Zetkin, outorgada pelo Sindicato dos Professores de Minas Gerais.

e-mail: lidiaviber@gmail.com

Nica

Artista negra de Belo Horizonte, atua na arte urbana desde os 16 anos. Co-curadora da Empena de Letras no Festival Cura ART. Homenageada, em 2019, com Honra ao Mérito por levar o nome de Belo Horizonte para o Brasil e o mundo a partir do grafite. Integra o grupo Minas de Minas Crew, que desenvolve murais tematizando o empoderamento a representatividade de mulheres negras com grande relevância na história.

e-mail: naymoreirabh@gmail.com

Sthefany Oliveira Fênix

Artista afroindígena, grafiteira e ilustradora autodidata. Atuante na arte urbana mineira desde 2016. Seu trabalho busca enaltecer a força e a beleza afroindígenas, interligadas ao poder da união, da tolerância e do equilíbrio. Em suas obras, manifesta reverências à plenitude de essências internas e raízes culturais, mantendo a sua descendência viva em seus estudos e processos criativos.

e-mail: olisthesan@gmail.com

Wanatta

Escola Guignard – UEMG

Grafiteira, arte educadora e produtora cultural. Licenciada em Artes Plásticas pela Escola Guignard-UEMG. Formada em artes visuais e fotografia pelo Centro de Formação Tecnológica - Plug Minas. Iniciou seu contato com a cultura hip hop aos sete anos, e com as artes visuais aos 14. Participou de diversas exposições, dentre elas Mur(R)o - Mostra Arte Minas (Palácio das Artes - BH) e TON - Tonalidade do Olhar Negro (GLTA - Ouro Preto).

e-mail: wanattarodrigues2@gmail.com

Resumo

Este ensaio fotográfico é a concretização de uma das atividades de pesquisa do Coragem – Grupo de Pesquisa em Comunicação, Raça e Gênero da UFMG. Consiste em pesquisa bibliográfica e de campo – gerando registros imagéticos, sonoros e textuais – sobre a arte urbana produzida por grafiteiras negras que atuam na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Essas artistas, em seus depoimentos, falam dos desafios e alegrias em seu processo de construção, na arte urbana, de representações potentes e diversas para a mulher, em oposição a imagens midiáticas estereotipadas, marcadas pelo racismo e pelo sexismo. Em seus grafites elas escrevem também sobre si: sobre a experiência vivida, sobre raça, cor, gênero, sexualidade, feminilidade, corpo, imagem, visibilidade, periferia e ancestralidade. Há uma poética do conhecimento nessa autodefinição e autovalorização. Os trabalhos de Fênix, Kakaw, Lídia Viber, Nica e Wanatta carregam experiências e saberes que atravessam os campos da arte, da comunicação e mesmo da política, inventando mundos possíveis nos muros da cidade.

Palavras-chave: Comunicação visual; arte urbana; mulheres negras; interseccionalidade.

Abstract

This photo essay is the concretization of one of the research activities of Coragem - Research Group on Communication, Race and Gender at UFMG. Consists of bibliographic research and fieldwork - generating imagery, sound and textual records - on urban art produced by Black female graffiti artists working in the Metropolitan Region of Belo Horizonte. These artists, in their testimonies, speak of the challenges and joys in their construction process, of powerful and diverse representations for women in urban art, in opposition to stereotyped media images, marked by racism and sexism. In their graffiti, they also write about themselves: about the lived experience, about race, color, gender, sexuality, femininity, body, image, visibility, periphery and ancestry. There is a poetics of knowledge in this self-definition and self-valorization. The works of Fênix, Kakaw, Lídia Viber, Nica and Wanatta carry experiences and knowledge that cross the fields of art, communication and even politics, inventing possible worlds within the city walls.

Keywords: Visual communication; urban art; Black women; intersectionality

Resumen

Este ensayo fotográfico es la concretización de una de las actividades de investigación de Coragem - Grupo de Investigación en Comunicación, Raza y Gênero de la UFMG. Consiste en investigación bibliográfica y trabajo de campo – generando imágenes, registros sonoros y textuales – sobre arte urbano producido por grafiteras negras que actúan en la Región Metropolitana de Belo Horizonte. Estas artistas, en sus testimonios, hablan de los desafíos y alegrías en su proceso de construcción, en el arte urbano, de representaciones poderosas y diversas de la mujer, en oposición a imágenes mediáticas estereotipadas, marcadas por el racismo y el sexismo. En sus grafitis, también escriben sobre sí mismas: sobre la experiencia vivida, sobre raza, color, género, sexualidad, feminidad, cuerpo, imagen, visibilidad, periferia y ancestralidad. Hay una poética del conocimiento en esta autodefinición y autovalorización. Las obras de Fênix, Kakaw, Lídia Viber, Nica y Wanatta traen experiencias y conocimientos que atraviesan los campos del arte, la comunicación e incluso la política, inventando mundos posibles en las paredes de la ciudad.

Palabras clave: comunicación visual; arte urbano; mujeres negras; interseccionalidad.



“É incrível pintar junto porque, sei lá, eu acho que a arte como um todo traz uma conexão, assim, para além. E é algo muito específico, né? Não são muitas pessoas que fazem, muitas mulheres principalmente, que fazem. Quando eu pinto em grupo, tirando que a gente tem uma força, porque eu acho que quando as mulheres se unem, qualquer grupo, quando se unem é muito forte, né? A gente tem uma força muito grande e é muito divertido e o medo é um pouco menor. A gente sempre tem medo de pintar na rua porque é um lugar que... né? Não foi feito pra gente se sentir à vontade, nós mulheres. Nós somos moldadas, na verdade, pra não nos sentirmos proprietárias da rua, né? Então quando eu tô junto com as meninas é assim, ninguém pode vencer a gente, basicamente. É tipo, as meninas superpoderosas mesmo.” (Fênix)



Figura 02: Grafite de Fênix com interação de Tina Soul, em Contagem, RMBH. Foto de Laryssa, 2020.

Figura 01: Grafite de Fênix, no Bairro Eldorado, BH. Foto de Laryssa, 2020.



Figura 03: Grafite de Fênix, no Centro de BH. Foto de Ludmilla, 2020.

“Quando você se reconhece enquanto mulher e que ‘Nossa, realmente eu sou uma mulher e eu passo por isso e ver, encarar tudo isso’. Isso tudo me inspira e principalmente, ver o quanto isso consegue impactar outras pessoas, sabe? Assim, o quanto o depoimento de uma menina que passa e vê ‘Ah, olha, mãe, ela é uma menina, olha o cabelo dela é igual o meu’, sabe? ... O que uma pessoa faz vai impactar na outra etc. Essas pequenas coisas me inspiram assim, infinitamente.” (Fênix)



Figura 04: Grafite de Fênix, no bairro Lagoinha, BH. Foto de Ludmilla, 2020.



Figura 05: Grafite de Kakaw, no bairro Lourdes, BH. Foto de Ludmilla, 2020.

“Meu grafite desde quando eu comecei lá na intervenção urbana era sobre representação de mulheres e mulheres negras ou afro-indígenas. ... Eu queria quebrar alguns tabus e estereótipos que a gente tem desse corpo indígena. E acabei indo parar nas mulheres negras, por uma questão de representatividade mesmo e por saber que todas elas estão conectadas, essas etnias. ... Eu quero muito que essas mulheres possam se ver nessas imagens e falar: ‘Nossa, que lindo, tem a minha cor de pele!’ ou ‘tem os meus traços.’ Então que ela se sinta representada como na mídia elas não são. Então a gente vai abrir revista, vai ver televisão e a gente não vê essas pessoas sendo representadas e, quando são, não condiz com a realidade. ... O grafite pra mim é a arte mais democrática de todas! Todos os tipos de pessoa vão acessar aquilo, sabe? Não tem como você ‘desver’ um grafite.” (Kakaw)

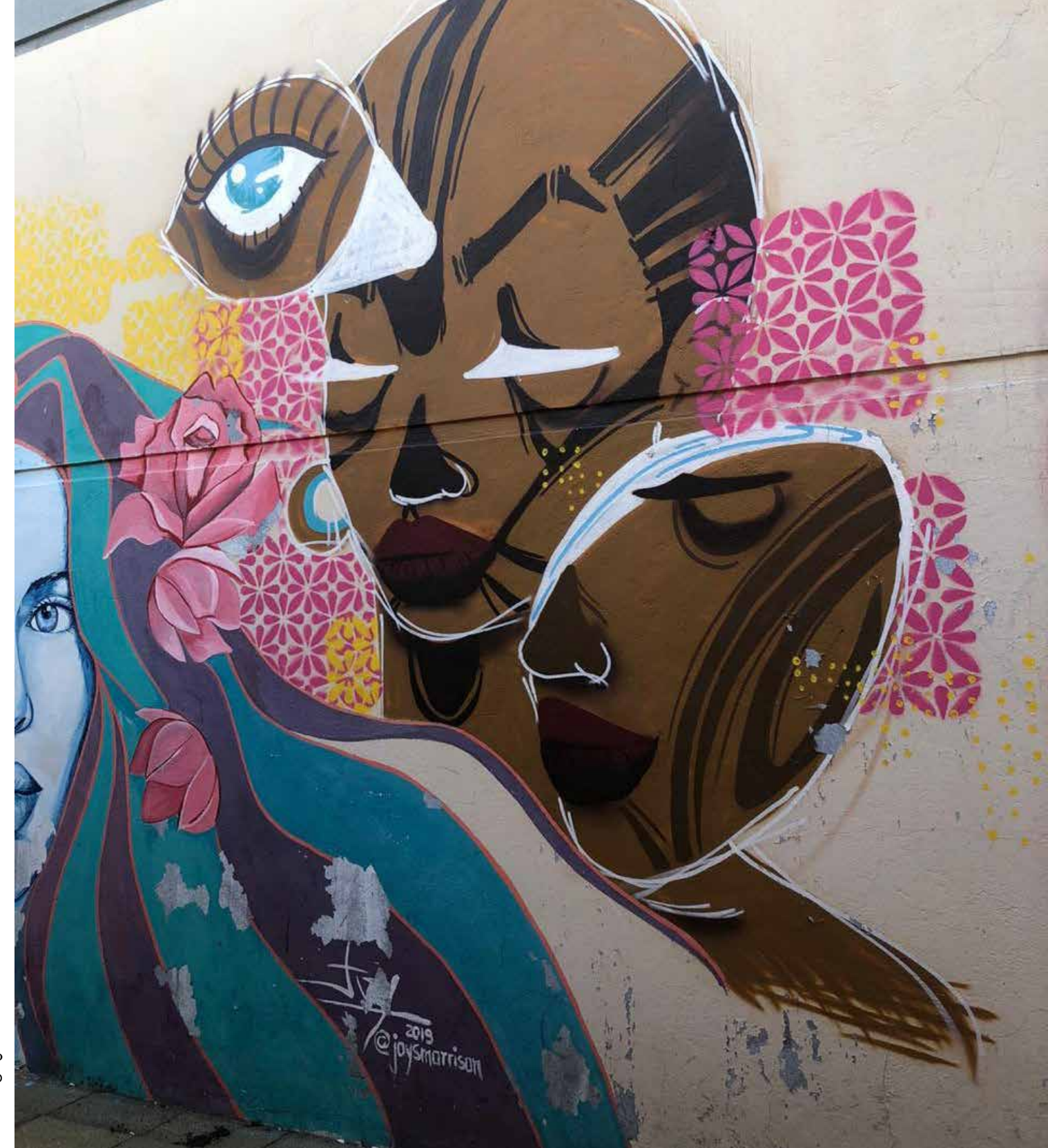


Figura 06: Grafite de Kakaw, no bairro Eldorado, BH. Foto de Laryssa, 2020



Figura 07: Grafite de Kakaw, no Centro de BH. Foto de Ludmilla, 2019.

“Por mais que eu quisesse desde o início trabalhar com essa quebra de estereótipo, eu mesma ainda colocava alguns estereótipos nesse corpo. Então, um tempo depois, quando eu trouxe para o viaduto, eu quis quebrar vários estereótipos que eu mesma tinha sobre essa imagem. Então eu peguei o corpo da minha mãe para eu poder representar lá. Eu coloquei ela deitada algumas vezes, fotografei e fui desenhando ela, para eu trazer um corpo real, de uma mulher que existe de verdade, para poder mostrar o que é uma beleza real. E esse corpo dessa mulher não ia ter mais um cocar, como a gente imagina um indígena, como no primeiro desenho tinha. Ela tem pinturas corporais e faciais, mas elas estão desconstruídas. Escolhi uma cor homogênea, o vermelho, daquela pele vermelha, e porque também o vermelho tem vários significados, desde o amor, paixão, raiva, até esse de que é um indígena. A minha mãe é daquelas pessoas que não gosta muito do corpo dela. Uma mulher que já teve dois filhos e tal e existe um estereótipo do que é uma beleza, do que é um padrão de beleza. E aí minha mãe demorou, inclusive muito tempo para aceitar que era ela lá, no grafite. Ela aceitava, achava lindo ‘Ah, minha filha que fez, mas não conta pra ninguém que sou eu!’. ... Porque toda vez que eu mesma desenhava também, da minha cabeça, eu sempre fazia aquela curva bem certinha assim, aquele corpo que não existe em lugar nenhum. E aí, com o dela, eu consegui reconstruir ela e fez ela se ver de um jeito diferente também, e fez eu ver diferente aquele corpo que eu estava fazendo. Então ela tem um culotezinho assim, uma barriguinha. Que todas as mulheres têm. E minha mãe achava um absurdo eu ter feito aquilo. Ela falava ‘Filha, você podia ter tirado ali e não sei o quê.’ E eu falava pra ela ‘Mas, mãe, você é assim! E tem um monte de mulheres que são assim. Você tá procurando um padrão que é 0,1% da sociedade, sabe?’ E aí ela só se viu e passou a aceitar que era ela, que podia contar para outras pessoas, quando ela viu outras pessoas elogiando muito. E falavam assim: ‘Nossa, ela é linda, parece muito comigo, fico muito feliz.’ Aí ela ficou: ‘Nossa, eu que sou trouxa, né. Minha filha me fez no viaduto e eu tou assim.’ Então foi um processo bonito pra ela também. Não significa que ela se aceitou 100%, porque não é tão fácil, né, não é de um dia para o outro que você se diz linda toda vez que você se olha no espelho. Mas foi bom para ela ver que as representações que ela tava usando eram de uma mídia que não existe, de um lugar que não existe. E que fazendo dessa forma outras pessoas se sentem bem, como ela também poderia, sabe?” (Kakaw)



Figura 08: Grafite de Kakaw, no bairro São Cristóvão, BH. Foto de Ludmilla, 2020



Figura 09: Grafite de Kakaw, no Centro de BH. Foto de Ludmilla, 2019.



“Nunca fui criada na rua, brincando com a galera da rua. Enfim, e eu sempre senti falta disso. ... E o grafite foi o que me abriu essa possibilidade. Uma forma diferente de estar na rua, você tá como, podemos dizer, um protagonista.” (Lídia, da crew Minas de Minas)

“Bom, quando eu era mais nova eu não tinha essa consciência, de ser uma mulher negra. De ser uma mulher pobre, periférica. De tá aí... Eu dei oficinas é... Praticamente toda a minha adolescência pra jovens, Então, assim, eu sempre tive contato com jovens da minha comunidade. Transitar no meio do tráfico, de brigas de tráfico, de ver assassinatos na minha comunidade. Da minha criação rígida por parte dos meus pais, e descobrir a rua mesmo só depois que eu era grande. Mesmo com todas essas coisas eu ainda tento fazer com que minha arte seja um pouco doce, sabe? Que seja leve, que seja colorida, que tenha harmonia. ... Eu acho que o que eu vivi faz com que eu pinte as coisas que eu pinto hoje. Que eu tente retratar coisas que são íntimas minhas nas minhas pinturas.” (Lídia, da crew Minas de Minas)

Figura 10: Grafite da crew Minas de Minas em homenagem à cantora Elza Soares, no bairro Floresta, BH. Foto de Laura, 2018.

“A gente tem um projeto específico, que é o ‘Nós podemos tudo’. A gente tenta focar um pouco mais nas mulheres negras, assim a gente foca em mulher, mas as mulheres negras têm uma história pesada. ... Então assim, parece que eu carrego todas essas histórias e quando eu vou pro muro eu quero explodir isso. Tipo assim ‘Olha ai mulherada, continua aí tentando que dá. Todo mundo consegue chegar onde está, é só não parar e não entregar, sabe?’ É meter o pé na porta e ir pra frente mesmo, se não a gente não consegue nada.” (Nica, da crew Minas de Minas)

Figura II: Grafite de Lídia integrante da Crew Minas de Minas, em Contagem, RMBH. Foto de Laryssa, 2020.





Figura 12: Grafite da Crew Minas de Minas em homenagem à atriz Teuda Bara, no bairro São Cristóvão, BH. Foto de Laryssa, 2020.

“No início quando a gente pensou em montar o grupo, foi justamente porque tinha pouquíssima mulher pintando na cidade e as que pintavam nem se conheciam, nem se falavam. ... E aí a gente falou vamos juntar isso para ver o que dá, porque talvez a gente consegue mais força, mais visibilidade, porque a gente tinha sensação de que só apareciam os caras de Belo Horizonte e a gente queria também inspirar outras mulheres... A gente percebia que tinha dificuldade das mulheres permanecerem... Então, a gente percebeu que precisava de mulheres juntas, mesmo.” (Nica, da crew Minas de Minas)



Figura 13: Grafite da crew Minas de Minas em homenagem à atriz Taís Araújo, no Centro de BH. Montagem fotográfica de Laura, 2018.



Figura 14: Grafite da Nika integrante da Crew Minas de Minas, no bairro Jardim dos Comerciários, BH. Foto de Ludmilla, 2019.

“Eu sou lida como homem na cena. ... Os caras me leem como menino muito por causa do trampo, também, do trabalho. Eles têm essa relação de que quando o trabalho sai daquilo fofinho e tal, é um trabalho que é mais próximo do trabalho dos homens. Por eu ser lésbica, eles se acham, se sentem no direito de conversar comigo como se eu fosse um cara.” (Wanatta)



Figura 15: Grafite de Wanatta, no bairro Lagoinha, BH. Foto de Ludmilla, 2020.



Figura 16: Grafite de Wanatta, no bairro Lagoinha, BH. Foto de Laura, 2019.

“Eu costumo mesclar, ou, pelo menos, tento mesclar características que têm algo ali africano, de uma tradição africana, e algo que vem pro periférico, assim, o corte na sobrancelha. Às vezes, o cabelo, que eu trago também. Agora eu tou vendo que eu tou conseguindo trabalhar mais isso... que é pensar a favela enquanto extensão do quilombo e essa pessoa, essa figura negra, com ambos esses elementos, assim, encarando aquela pessoa que vem, fazendo com que ela mergulhe ali naquele olhar.” (Wanatta)



Figura 17: Grafite de Wanatta, no bairro Cidade Industrial. Foto de Laryssa, 2020.



“O problema da população negra, e, principalmente, da população negra periférica, é que a gente dá sempre um passo pra frente dando dois pra trás. E aí, eu acredito que é importante a gente olhar pra trás enquanto olhar as histórias dos nossos ancestrais, mas que a gente ... precisa aprender a olhar pra frente e seguir em frente, sabe? ... Porque é olhando pra frente que a gente consegue fazer com que as coisas andem. ... Quando você quer fazer uma fotografia no modo manual e aí tem uma situação que você quer registrar um momento, ali, registrar a entrada de luz de algo que tá passando muito rápido, a fotografia, ela registra. ... ela registra um borrão de luz. ... E esse rastro, ele é o registro do passado, sabe? ... E, na fotografia, esse rastro de luz, ele tem cores muito saturadas, não forma um objeto como a gente vê, ele registra luz. E isso pra mim tem muito a ver com nossa relação com o passado, com o presente e o corre que a gente tá o tempo todo. O tempo todo a gente tá correndo. O tempo todo a gente tá correndo. O tempo todo a gente tá apagando fogueira, apagando incêndio, correndo, correndo, correndo, correndo, correndo. Tentando ser duas, três, quatro, cinco vezes melhor, pra chegar em algum lugar. E aí esse corre, pra mim, ele representa esse rastro de luz. E esse rastro de luz, ele é cor, e é uma cor forte, viva, sabe? E, enquanto você não aprende a administrar essa entrada de luz e entender que esse rastro, ele não é um erro, ele faz parte dessa composição, você não chega em algum lugar.” (Wanatta)

Figura 18: Grafite de Wanatta, no bairro São Cristóvão, BH. Foto de Ludmilla, 2020.